

INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA NAS CIÊNCIAS HUMANAS

**Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)**



Gabriella Rossetti Ferreira

(Organizadora)

Investigação Científica nas Ciências Humanas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
162	<p>Investigação científica nas ciências humanas [recurso eletrônico] / Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Investigação Científica nas Ciências Humanas; v. 1)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-391-0 DOI 10.22533/at.ed.910191806</p> <p>1. Ciências humanas. 2. Investigação científica. 3. Pesquisa social. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II.Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 300.72</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Investigação Científica nas Ciências Humanas - Parte 1” traz diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo das ciências humanas.

O papel da investigação científica é amplamente debatido em todos os países desenvolvidos e conseqüentemente, faz parte de todas as agendas políticas. Assumamos, pois, a importância da investigação científica que levamos a cabo pela pertinência dos estudos desenvolvidos face à de outros, e pelo impacto dos resultados junto da comunidade científica.

No caso da investigação científica em educação, é muito acentuada a relação entre investigação e política ou, se assim se quiser pensar, a dimensão política da investigação. Com efeito, a escolha dos temas reflete as preocupações dos investigadores, seja no aprofundamento de referenciais teóricos, seja na compreensão de problemas educativos e formas de os resolver.

É possível afirmar que sem pesquisa não há ensino. A ausência de pesquisa degrada o ensino a patamares típicos da reprodução imitativa. Entretanto, isto não pode levar ao extremo oposto, do professor que se quer apenas pesquisador, isolando-se no espaço da produção científica. Por vezes, há professores que se afastam do ensino, por estratégia, ou seja, porque do contrário não há tempo para pesquisa. Outros, porém, induzem à formação de uma casta, que passa a ver no ensino algo secundário e menor. Se a pesquisa é a razão do ensino, vale o reverso: o ensino é a razão da pesquisa, se não quisermos alimentar a ciência como prepotência a serviço de interesses particulares. Transmitir conhecimento deve fazer parte do mesmo ato de pesquisa, seja sob a ótica de dar aulas, seja como socialização do saber, seja como divulgação socialmente relevante. (DEMO, 2001)

Para que se tenha um progresso na qualidade do ensino nos seus diversos níveis é necessário que a pesquisa exerça o papel principal dentro e fora de sala de aula, e que apresente um elo para com a prática pedagógica do docente, promovendo uma formação crítica e reflexiva.

Gabriella Rossetti Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS DOCUMENTOS OFICIAIS BRASILEIROS SOB ANÁLISE: PENSANDO AURORAS POSSÍVEIS	
Lorena Santos da Silva Paula Côrrea Henning	
DOI 10.22533/at.ed.9101918061	
CAPÍTULO 2	11
A EXPERIÊNCIA DE SER CRIANÇA EM WALTER BENJAMIN	
Eduarda Aleycha Luciano Santana Paula Ramos de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.9101918062	
CAPÍTULO 3	23
A GEOPOLÍTICA DOS ESTADOS UNIDOS NA “DOCTRINA TRUMP” E A ORDENAÇÃO MUNDIAL	
Matheus Seiji Bon im Takiuchi	
DOI 10.22533/at.ed.9101918063	
CAPÍTULO 4	35
A INFLUÊNCIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM	
Paula Scherer Mariela Camargo Masutti	
DOI 10.22533/at.ed.9101918064	
CAPÍTULO 5	46
SEXUALIDADE E SUAS ARTICUÇÕES NO ESPAÇO DE ENSINO APRENDIZAGEM, A PARTIR DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS	
Gabriella Rossetti Ferreira Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.9101918065	
CAPÍTULO 6	61
A INFLUÊNCIA DO ESPAÇO CÊNICO NA CENA SHAKESPEARIANA: IMPASSES DA MONTAGEM DO HAMLET DO TEATRO DE ARTE DE MOSCOU	
Edilaine Dias	
DOI 10.22533/at.ed.9101918066	
CAPÍTULO 7	73
A OBRA SPACCIO DE LA BESTIA TRIONFANTE: COMO REFLEXO DA CRISE RELIGIOSA ENTRE REFORMADOS E CATÓLICOS NO SÉCULO XVI	
Raimundo Pedro Justino de Orlanda Ideusa Celestino Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.9101918067	
CAPÍTULO 8	85
A PARADIPLOMANIA NUM MUNDO EM TRANSFORMAÇÕES	
Lucas Lima Da Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.9101918068	

CAPÍTULO 9	98
ACESSIBILIDADE ARQUITETÔNICA: UM ESTUDO SOBRE ESCOLAS ESTADUAIS	
Letícia Prevideli Scarabello Vera Lucia Messias Fialho Capellini	
DOI 10.22533/at.ed.9101918069	
CAPÍTULO 10	107
APRENDENDO MATEMÁTICA ATRAVÉS DE RECURSOS LÚDICOS: UM ESTUDO VOLTADO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA	
Andressa Nunes Martins	
DOI 10.22533/at.ed.91019180610	
CAPÍTULO 11	116
AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO USO DE DROGAS EM MULHERES QUE CONVIVEM COM DEPENDENTES DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS	
Ana Maria Kuse Cassandra Borges Bortolon	
DOI 10.22533/at.ed.91019180611	
CAPÍTULO 12	130
ATIVIDADE EXTRATIVISTA MADEIREIRA E URBANIZAÇÃO NO EXTREMO SUL DA BAHIA (1948-1972)	
Luísa Dias Silva Márcio Soares Santos	
DOI 10.22533/at.ed.91019180612	
CAPÍTULO 13	139
COMPREENSÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO POR ATORES DO TURISMO: ESTUDO DE CASO COM ALUNOS DA UNESP – CAMPUS DE ROSANA	
Guilherme Henrique Barros de Souza Elisama de Souza Franco Leticia Sabo Boschi	
DOI 10.22533/at.ed.91019180613	
CAPÍTULO 14	151
CRIATIVIDADE: CAMINHOS, DESVIOS E RETOMADA	
Maria Luiza Ramos Tonussi Eliane Patricia Grandini Serrano	
DOI 10.22533/at.ed.91019180614	
CAPÍTULO 15	163
DESPERTANDO UM OLHAR GEOGRÁFICO E AMBIENTAL NOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DA E.E. JOSEPHA CUBAS DA SILVA SOBRE A CANALIZAÇÃO DOS CORPOS HÍDRICOS	
Fábio César Martins Thiago José de Oliveira Márcia Cristina de Oliveira Mello	
DOI 10.22533/at.ed.91019180615	

CAPÍTULO 16	175
DOM VITAL E A QUESTÃO RELIGIOSA NO SEGUNDO REINADO	
Rodrigo Dantas de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.91019180616	
CAPÍTULO 17	194
EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DA BICA DO IPU, CEARÁ: DESAFIOS PARA A BUSCA DE SUSTENTABILIDADE	
Francisca Lusimara Sousa Lopes	
Vanda Claudino Sales	
DOI 10.22533/at.ed.91019180617	
CAPÍTULO 18	198
EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA AOS TRABALHADORES DO PROJETO PROFISSÃO CATADOR DA UNICRUZ: ORGANIZANDO SABERES PARA O EXERCÍCIO DA CIDADANIA	
Ieda Márcia Donati Linck	
Esther Teixeira Carvalho	
Ane Elise de Souza Fiuza	
DOI 10.22533/at.ed.91019180618	
CAPÍTULO 19	211
EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO ATRAVÉS DO MODELO DE NEGÓCIO CANVAS	
Cláudia Rafaela Schneiders	
Roberto Schuster Ajala	
Luciana Scherer	
Lucas Ivan Grimm	
DOI 10.22533/at.ed.91019180619	
CAPÍTULO 20	227
ESCOLA SEM PARTIDO: LUTA IDEOLÓGICA NO ESPAÇO ESCOLAR	
Eduardo Danilo Ribeiro dos Santos	
Aparecida Maria Almeida Barros	
DOI 10.22533/at.ed.91019180620	
SOBRE A ORGANIZADORA	237

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO USO DE DROGAS EM MULHERES QUE CONVIVEM COM DEPENDENTES DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS

Ana Maria Kuse

Psicóloga. Especialista em Intervenção Socio Familiar (ULBRA).
anamariakuse@yahoo.com.br

Cassandra Borges Bortolon

Psicóloga. Especialista em Psicologia Clínica. Mestre e Doutora em Ciências da Saúde (UFCSPA). Diretora da Acurarte.
cassandra.bortolon@gmail.com

RESUMO: A dependência química atinge todas as camadas sociais, se instala em diferentes contextos familiares e é um problema de saúde pública. As representações sociais tornam algo desconhecido em algo que possa ser difundido, possibilitando nomear e classificar ideias, valores, teorias existentes e aceitas no meio social. Neste cenário, são as mulheres que frequentemente buscam ajuda e participam dos grupos de familiares. Objetivo: identificar as representações sociais presentes na subjetividade das mulheres inseridas no contexto dos transtornos relacionados ao uso de substâncias psicoativas. Método: pesquisa qualitativa e quantitativa com vinte mulheres que conviviam com dependentes de substâncias psicoativas. Os instrumentos utilizados foram aplicação de entrevista semiestruturada e de questionário sociodemográfico, conforme método de análise de conteúdo. Resultados:

as participantes demonstraram que ocorre um processo de reconstrução das representações sociais na medida em que as mulheres conseguem percebê-los enquanto sujeitos. E, na medida em que conseguem perceber que o uso de drogas é uma doença, modificam o foco na substância psicoativa, percebendo o real significado do problema de dependência química do familiar. Conclui-se que esse dispositivo foi um importante para desconstruir conceitos cristalizados, na medida em que suscita questionamentos sobre saberes do senso comum acerca das representações sociais e auxilia na proposição de ações de psicoeducação, promovendo mudanças nas relações familiares dos envolvidos.

PALAVRAS-CHAVE: Representações Sociais. Substâncias Psicoativas. Mulheres.

THE SOCIAL REPRESENTATIONS OF DRUG USE IN WOMEN ENCOURAGING WITH DEPENDENTS OF PSYCHOACTIVE SUBSTANCES

ABSTRACT: In Brazilian society, chemical dependence reaches all social strata, is installed in the different family contexts, is configured as a public health problem. It hinders the socioeconomic development of the country, extending to family relationships. Several

studies have already been carried out within the theme of social representations and chemical dependence. However, there is a gap in the social representations of women in the context of psychoactive substance use disorders, which often seek help and participate in groups of relatives. The objective of the research was to identify the social representations present in the subjectivity of women inserted in the context of the disorders related to the use of psychoactive substances. The method used was qualitative and quantitative research with twenty women living with dependents of psychoactive substances. Data were collected through a semistructured interview and a sociodemographic questionnaire, which were grouped, evaluated, compared and categorized, allowing their analysis, according to the content analysis method. Results: these show that a process of reconstruction of social representations occurs as women can perceive them as subjects involved with psychoactive substances and their consequences, as a drug user and as a member of the family. And to the extent that they realize that drug use is a disease, they change the focus of the chemical, realizing the real meaning of the family's chemical dependency. Discussion: The application of this research was an important device to deconstruct crystallized concepts, insofar as it raises questions about common sense knowledge about social representations and assists in the proposition of psychoeducation actions in relation to chemical dependence, promoting changes in the family relations of the involved. Conclusion: action in the prevention of drug use in other social spaces and reinforce the approaches that involve the change in the behaviors of the family relative to the dependent of psychoactive substances.

KEYWORDS: Social representations. Psychoactive Substances. Women.

1 | INTRODUÇÃO

Na sociedade brasileira a questão social envolvendo o uso de substâncias psicoativas, se constitui enquanto um fenômeno que é discutido, estudado nas diferentes áreas do saber (Silva, 2007). Assim sendo, estratégias de enfrentamento são pensadas no sentido de prevenir e romper com os estigmas e preconceitos que perpassam o imaginário social deste fenômeno. Desta forma, o uso de substâncias psicoativas repercute no contexto familiar, comprometendo a dinâmica interacional. (BORTOLON et al, 2016).

Observa-se com frequência que as respostas habituais e culturais por parte dos familiares que tem um dependente químico em seu contexto é a proteção (Silva, 2007). Porém, percebe-se que essa reação agrava o problema, pois impede que o dependente químico aprenda com suas experiências dolorosas e difíceis que levam a consciência de que a dependência química está originando problemas na sua vida e da sua família (FIGUEIRÓ, 2010; BORTOLON et al, 2010; MOREIRA, et al, 2015).

Com essa atitude da família a situação tende a piorar e os familiares experimentam a sensação de frustração, fracasso, ansiedade e com frequência se culpam pelo ocorrido. Há uma tendência assim ao isolamento, evitando contato com

o mundo externo, enredando-se num círculo familiar disfuncional (MEDEIROS, 2013).

O dependente de substâncias psicoativas tem uma função importante na dinâmica familiar que o aponta como doente, sendo classificado de acordo com a teoria sistêmica, como o paciente identificado, aquele que apresenta o sintoma e precisa ser tratado (Minuchin, 1982). O modelo sistêmico de funcionamento familiar tem como compreensão central de que o doente, ou membro sintomático é apenas um responsável circunstancial de alguma disfunção no sistema familiar. Ou seja, a família é um sistema total em que seus membros influenciam e são influenciados simultaneamente pelos comportamentos de todos os outros. (CALIL,1987).

Diante disso, a construção de representações sociais acerca da dependência química é um fator presente nas famílias. Entende-se por representações sociais tornar algo desconhecido em algo que possa ser difundido, possibilitando nomear e classificar ideias, valores, teorias existentes e aceitas no meio social ((MOSCOVICI,1978 I Jacques,2013).

O objetivo da realização deste estudo foi identificar quais foram as representações sociais presentes na subjetividade das mulheres inseridas no contexto dos transtornos relacionados ao uso de substâncias psicoativas.

Método

Foi realizada uma pesquisa qualitativa e quantitativa. A população alvo foi uma amostra de conveniência, constituída por 20 mulheres (esposas, mães, irmãs, avós, entre outras) que convivem com dependentes químicos e que frequentam uma instituição de caráter filantrópico. Esta atende dependentes químicos e seus familiares, usuários do SUS (Sistema Único de Saúde), dos CAPSad (Centro de Atenção Psicossocial para Dependentes Químicos) e por busca espontânea particular.

Instrumentos

Os dados foram coletados por meio de uma entrevista semiestruturada, elaborada com questões que permitiram identificar às representações sociais em relação ao fenômeno social em estudo e de um questionário sócio demográfico que permitiu conhecer mais sobre a população alvo. Os instrumentos foram aplicados na instituição, individualmente e em local adequado, em um período aproximado de uma hora para cada participante.

Os dados foram agrupados, avaliados, comparados e categorizados para possibilitar a sua análise, posteriormente, de acordo com a análise de conteúdo de Bardin (2011). Os dados das entrevistas e dos dados sociodemográficos foram categorizados em temas, os quais foram sendo construídos conforme as falas transcritas nas entrevistas realizadas. As categorias elencadas foram: entendimento sobre substâncias psicoativas, os impactos emocionais ao saber do uso de substâncias psicoativas pelo familiar, as atitudes comportamentais mediante a notícia de uso de

substâncias psicoativas pelo familiar e possibilidades de intervenção e tratamento na dependência de substâncias psicoativas.

O trabalho foi aprovado sob nº 1.733.044 pelo Comitê de Ética em Psicologia (CEP), do Centro Universitário da Faculdade da Serra Gaúcha, tendo sido aprovado sob nº 1.733.044. Foi aplicado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos componentes do grupo de mulheres, de acordo com as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos, do Conselho Nacional de Saúde, dispostas na Resolução nº 510/2016 (BRASIL, 2016).

2 | RESULTADOS

Perfil das mulheres entrevistadas

A amostra, composta por mulheres, demonstrou que as drogas que conheciam e que tiveram acesso foram álcool, cigarro, maconha, cocaína e crack. Apenas uma citou ter ouvido falar do êxtase, o LSD e, mas não as conhece. Ao se referirem sobre como as substâncias são usadas, todas as informações do consumo das mesmas, foram de acordo com o senso comum, ou seja, daquilo que ouviram falar por outras pessoas.

Das vinte entrevistadas, doze delas tem menos de cinquenta anos, o que corresponde há 70%. Em relação ao estado civil a maioria são casadas e com união estável (60%). O grau de instrução foi que seis possuem o 1º grau incompleto, perfazendo 15 % da amostra, uma tem o 1º grau completo, 20%; seis concluíram o 2º grau, ou seja, 30%; quatro estão com curso superior em andamento, 25% do total das entrevistadas; e três tem o curso superior completo, sendo 10% da amostra. Todas as mulheres estavam trabalhando no momento, sendo que 60% só trabalham; destas 15% trabalham e estudam; 5% somente estudam, 5% estão desempregadas e 15 % são aposentadas. Mas, uma delas que já está aposentada formalmente, continua informalmente como costureira em casa.

Perfil dos dependentes de substâncias psicoativas

Todos são do sexo masculino. Este fator se dá devido ao fato de a instituição estudada atender somente homens na comunidade terapêutica. As idades dos familiares com problemas de dependência de substâncias correspondem a quatro na faixa dos 20 a 30 anos (25%), e em sua maioria doze dos 30 aos 39 (55%).

Em relação à escolaridade a maioria possui o 2º grau incompleto (45%); seguido por 25% tem o 2º Grau Completo. Quanto ao estado civil 45% estavam na condição de união estável, 40% eram solteiros e 15% casados.

Quanto às profissões exercidas pelos usuários de substâncias psicoativas antes do envolvimento com drogas, exerciam as seguintes funções: odontologista, pintor, vendedor, metalúrgico, empresário, contador, monitor de comunidades terapêuticas

e alguns desempregados ou autônomos. Atualmente, uma pequena parcela, está conseguindo se vincular novamente ao mercado de trabalho.

Dos vinte pesquisados, doze dos que se encontram na faixa dos 30 aos 39 anos usaram drogas pelo período de 10 a 20 anos, perfazendo 80% dos envolvidos, sendo que todos iniciaram na adolescência. Os quatro que estão entre os 20 e 29 anos iniciaram o uso em torno de dez anos de idade, com álcool e cigarro, sendo 15% dos usuários.

Os dois da faixa etária de 50 anos, um iniciou com álcool aos 06 anos, pois o pai é de origem italiana e lhe dava vinho. Este começou com cigarro aos 11 anos; o outro começou o uso aos onze anos com cigarro, álcool e maconha. Os dois que estão na faixa dos 40 anos fizeram uso: um por 22 anos e outro por 27 anos, perfazendo 5% da amostra.

Quanto as drogas mais utilizadas pelos dependentes químicos, das mulheres entrevistadas, foram levantados os seguintes percentuais: 95% álcool e cocaína, cigarro 90%, maconha 80%, inalantes 30%, crack 65%, LSD e êxtase 5%.

3 | DISCUSSÃO

Categoria 1: Entendimento sobre substâncias psicoativas

Nesta categoria foi descrito as informações que as mulheres entrevistadas têm acerca de substâncias psicoativas, como são utilizadas, o porquê do uso, as formas de tratamento, entre outras. Esses conteúdos foram transcritos a partir de doze questões abertas.

No item que questionou a forma como obtiveram essas informações todas relataram que foi por reportagens na televisão, estudando e lendo alguns materiais da instituição e pesquisando na internet. Uma minoria das participantes da entrevista disse ter aprendido ou obtido as informações através da convivência com seu familiar dependente. Algumas delas ressaltaram que nos Grupos de espiritualidade e de mútuo ajuda da instituição também tiveram esclarecimentos importantes sobre o tema e como a dependência química interfere em suas relações.

Observou-se que a busca de conhecimentos sobre drogas pelas mulheres, ocorreu basicamente pelos meios de comunicação de massa, através da observação do cotidiano, com seus familiares, vizinhos com quem tinham convivência ou em eventos sociais e festas das quais participavam. Algumas referiram as palestras promovidas na comunidade terapêutica, na igreja da qual participam, no centro espírita e trocas entre as outras famílias que convivem com o consumo de substâncias psicoativas.

Ao serem questionadas sobre suas percepções acerca da dependência de substâncias psicoativas e se todas as pessoas que as utilizam se tornam dependentes, a maioria das entrevistadas disseram que sim, a partir do uso de alguma substância psicoativa a pessoa se torna dependente.

Nos discursos das entrevistadas se percebe que as explicações são embasadas em dois pressupostos; um a dependência sendo algo individual, da pessoa ou a dependência determinada pelo tipo de droga usada pelo sujeito. Outras referiram que é uma questão biológica que interfere no uso de substâncias psicoativas ou, que a dependência química está relacionada a questões psicológicas.

Foi percebido nos relatos que há o reconhecimento de várias possibilidades de consumo e que existe uma hierarquia, dependendo do tipo de droga utilizadas. que as mais prejudiciais são o crack e a cocaína que produzem maior dependência. Algumas falas coletadas são mais elaboradas, mas também se percebe respostas semelhantes quando se questiona o que acontece com quem faz uso de substâncias psicoativas.

Nas expressões usadas pelas mulheres entrevistadas se identifica um enfoque nas relações do usuário com ele mesmo e com alguns preconceitos sociais que levam a percepção de que há um sofrimento ligado ao uso de substâncias psicoativas.

No decorrer das entrevistas se observa que há uma diferença na apropriação do saber sobre drogas daquelas mulheres cujo familiar já está em tratamento por mais de um ano, em relação àquelas que estão trilhando o caminho há alguns meses. A representação social vinculada ao uso de substâncias psicoativas se torna menos similar e se percebe outros significados para o consumo pelo seu familiar.

O tempo de apropriação do saber sobre a doença e o grau de instrução das famílias que frequentam a instituição é relevante quanto ao uso de uma linguagem mais específica e de conceitos mais científicos. Isso vai refletir e interferir no nível de resistência quanto ao tratamento do familiar que usa substâncias psicoativas.

Em relação às representações sociais sobre o uso de substâncias psicoativas para Silva (2007), diz ser relevante o fato de que:

[...] as representações sociais estão enraizadas em muitas crenças e preconceitos, os familiares com menor grau de instrução resistem em aceitar algumas argumentações dos profissionais mais especializados que contradizem as suas crenças. Por isso, observamos que familiares com um grau de instrução mais elevado se apropria das argumentações com mais consistência, apesar do período menor de tratamento. Contudo, se o tempo de tratamento é mais longo, essa diferença se dilui e podemos observar mudanças significativas nas participantes, independente do grau de instrução. (SILVA, 2007).

Vários trabalhos na literatura (De Micheli & Formigoni, 2001; Liddle *et al.*, 2001; Meyers, Apocada, Ficker & Slenisck, 2002; Stanton & Todal, 1987; Steinglass, Bennett, Wolin & Reiss, 1987) tem abordado a dependência de drogas como um fenômeno que afeta não somente o usuário, mas também seu sistema familiar, enfatizando assim a importância do estudo do funcionamento relacional desses familiares (SEADI; OLIVEIRA, 2009). A dependência química não pode ser vista isolada do contexto familiar, as famílias devem ser valorizadas em seus sentimentos e, frequentemente estão distantes emocionalmente e inconsistentes enquanto sistema familiar (FIGUEIRÓ, 2010).

Ainda no viés da aquisição de conhecimentos sobre substâncias psicoativas, quando questionadas sobre “porque as pessoas usam drogas”? E “porque o seu familiar usa drogas”? Ocorreram distinções entre as respostas dadas.

Em todas as respostas estava presente a ausência paterna devido à separação, usada como justificativa para a procura pelas drogas, bem como a falta de limites impostos pelos pais. Na atualidade os estudos sobre famílias apontam para uma nova configuração, na qual a mulher lidera a família, havendo uma ausência da figura paterna (FOLBERG, 2002). Essa seria uma tentativa de explicar o consumo de drogas pelo viés da perspectiva relacional na família, citado por alguns participantes da pesquisa.

As famílias têm um papel importante na recuperação dos dependentes de substâncias psicoativas, pois constroem um jeito de viver e cuidar do seu familiar que as tornam resistentes às adversidades cotidianas, potencializando esses cuidados. (FOLBERG, 2002).

As explicações pautadas em questões subjetivas relacionadas as perdas, carências e fuga de problemas também se apresentam nas falas da maior parte das entrevistadas. Percebe-se nos discursos uma busca de sentido para o consumo de drogas de seu familiar, algumas mulheres ocupam a posição de vítimas ou culpadas, visão presente em outros depoimentos.

As questões familiares não se reduzem somente à família nuclear, mas incluem a nova família que alguns dependentes químicos constituíram, sua esposa e filhos. O contexto familiar aparece como justificativa para o uso de drogas como a separação entre os pais, do usuário com sua companheira, perdas devido à morte da figura paterna ou afastamento dos filhos, dentre outras. Nota-se pelos dados coletados que o uso precoce de drogas na adolescência é um dos fatores que determinam maior potencial de dependência de substância psicoativas.

Categoria 2: Possibilidades de intervenção e tratamento na dependência de substâncias psicoativas

As duas últimas questões abordadas nesta parte da entrevista se relacionam ao tratamento realizado pelo familiar e as possibilidades de intervenção aos usuários de substâncias psicoativas, bem como aos familiares.

Das entrevistadas, a maioria relatou as comunidades terapêuticas como a melhor possibilidade de tratamento para o dependente químico. Referiram que na comunidade terapêutica os monitores trabalham com o tripé disciplina, trabalho e oração que são a base para que possam ficar em abstinência, de acordo com a metodologia do Amor Exigente (MENEZES, 1992).

Existe certa desconfiança das clínicas de saúde mental e ou hospitais psiquiátricos para o tratamento. Para um grupo de mulheres os familiares que vão para as clínicas acabam saindo de lá e recaindo com mais facilidade. Nas clínicas, o uso de medicamentos que consideram drogas os deixa muito fragilizados

A maior parte das entrevistadas, tiveram seus familiares em comunidades terapêuticas, uma minoria em clínicas psiquiátricas e em tratamento de rua, sendo que apenas um frequenta os grupos para dependentes químicos na instituição. Boa parte dos dependentes químicos fizeram algum tipo de acompanhamento externo com psiquiatras ou psicólogos. Entre as mulheres nenhuma faz acompanhamento psicológico apesar de acharem importante um acompanhamento multiprofissional. Esse fato se dá devido ao fato de que é difícil para o familiar se engajar em um tratamento mais longo. Participam somente dos grupos na instituição e ou solicitam acolhimento com um dos técnicos, quando estão fragilizadas ou inseguras quanto a algum fato relativo ao seu familiar. Ou seja, um atendimento focado quando há conflito não continuado (YANDOLI, *et al.*, 2002).

Categoria 3: Os impactos emocionais ao saberem da dependência química do familiar

Nesta categoria de análise foram contempladas seis questões com informações acerca dos sentimentos relacionados a notícia do uso de substâncias psicoativas pelo familiar e em relação a outros usuários.

Dentre os sentimentos identificados ressalta-se a impotência, culpa, vergonha, tristeza, decepção, dor, raiva, inutilidade e nojo. Ao serem questionadas sobre o que sentem em relação às pessoas em geral, que usam drogas, algumas citam que sentem pena ou dó.

Os sentimentos se mesclam entre pena e raiva dos dependentes químicos, algumas citaram que gostariam de ajudar e conversar sobre a busca de ajuda com eles; outras colocam sentimentos de medo, desconfiança, tristeza, pois se lembram dos familiares.

O dependente químico é visto como incapaz, fica submetido à droga. A droga se torna o sujeito e submete o dependente ao lugar de objeto, ele fica escravizado pela droga. Esse sentimento de piedade, de compreensão vem associado a outros sentimentos, principalmente impotência, junto com a busca de ajuda. A narrativa do sofrimento e de tristeza é visto com compaixão pelo outro, baseado nas próprias experiências com seus familiares dependentes.

Referindo-se aos sentimentos ao descobrirem que seu familiar estava fazendo uso de substâncias psicoativas e o que sentiam hoje em relação ao fato, as respostas foram carregadas de emoções. Tristeza, culpa, desespero, raiva, decepção foram os sentimentos relatados pela metade das participantes da pesquisa.

A culpa e a decepção por vezes as levam a necessidade de fazer qualquer coisa para recompensar o filho ou o familiar, assumindo a responsabilidade para a superação do problema. Ao mesmo tempo estes sentimentos vêm junto ao sentimento de não merecimento, de serem vítimas.

Uma participante fez referência à depressão que assolou sua vida e que ocorre

em vários casos com mulheres que convivem com dependentes de substâncias psicoativas. Desta forma, esse fenômeno comprometeu a saúde da família como um todo, interferindo nos padrões relacionais. O abuso de drogas, mudam as relações se configurando por perda da confiança, brigas ou sentimento de rejeição. (SAKIYAMA *et al.*, 2015)

As expressões e reações que vinham com suas falas estavam carregadas de emoção e se percebeu o quanto a dependência interfere no psiquismo das pessoas envolvidas. A família adoce junto com o dependente químico e precisa ser escutada, acolhida e amparada (BORTOLON, *et al.*, 2016a). Este é o principal papel dos profissionais envolvidos nestas situações: realizar uma escuta empática, livre de preconceitos e estigmas.

Os relatos das mulheres sobre os sentimentos atuais em relação à dependência de substâncias psicoativas, referiram estar mais tranquilas, felizes por que conseguem conversar sobre a situação com seus familiares. Sabem lidar melhor com as crises, pois participam dos grupos de entre ajuda e esperançosas de que seu familiar não recairá. Do grupo, a maioria relata se sentir inseguras em relação a total abstinência do familiar, pois entendem que é uma “doença para toda a vida” e é preciso muita obstinação para ficar longe das drogas.

Ocorreram mudanças positivas entre os membros da família após o tratamento do dependente químico e a partir da participação da família nos grupos da instituição. A maior parte das entrevistadas citou que houve mudanças positivas após o tratamento do dependente químico e do engajamento delas no tratamento através da mudança de comportamentos.

Em um estudo que acompanhou 325 familiares de usuários de drogas, principalmente mães e esposas, verificou-se que após o recebimento de intervenção motivacional, os familiares diminuíram comportamentos codependentes (BORTOLON *et al.*, 2016b).

A codependência enquanto um conjunto de estratégias contraproducentes e desadaptativas por parte de familiares é utilizada para manejar conflitos que sobrevêm com o convívio com pessoas com Transtornos Relacionados a Substâncias e Adição (TRSA) (DEAR; ROBERTS, 2005). Estima-se que mais de 60% dos familiares de usuários de substâncias que buscam algum atendimento em relação a problemas decorrentes daquele convívio apresentam alto índice de codependência (BORTOLON, SIGNOR, MOREIRA, FIGUEIRÓ, BENCHAYA, MACHADO, FERIGOLO, BARROS, 2016b).

Outra parcela dos discursos demonstra tristeza, indignação, agravados pelas atitudes dos dependentes de substâncias psicoativas.

Nos relatos das mulheres se verificou algumas etapas. Ocorre a não aceitação e a negação do problema inicialmente, precedido de sentimento de culpa e desânimo, a tentativa de resolver o problema a qualquer custo. Após vem a raiva, a revolta por se sentirem vitimadas e prejudicadas pelo familiar, seja ele filho, esposo ou pai,

perpassando sentimentos de rejeição. Posteriormente percebem que não podem fazer escolhas por eles, mas podem procurar ajuda para si mesmas, tomando uma atitude mais realista. Reconhecem que há limites de até onde podem auxiliar, pois entendem que interromper o uso de drogas é uma decisão do próprio usuário (MOREIRA, 2015).

Categoria 4: Atitudes comportamentais mediante a notícia de uso de substâncias psicoativas pelo familiar

Esta etapa da entrevista teve como objetivo descrever os aspectos comportamentais envolvidos na representação social do uso de drogas, pelas mulheres. Foram analisadas as atitudes tomadas ao descobrirem o uso de substâncias psicoativas pelo familiar e as formas de tratamento que buscaram no transcorrer desse tempo, bem como o papel da família nesse processo.

As questões iniciais abordaram o que a mulher fez ao descobrir que o familiar é dependente de substâncias psicoativas e se hoje o faria da mesma forma. As entrevistadas se dividiram em ficar com muita raiva e revolta e agir com agressividade durante a conversa com o dependente.

As conversas delas com o usuário giravam em torno dos prejuízos e das consequências que as drogas poderiam trazer para eles, no quanto isso estava destruindo com as suas vidas. Esses discursos tinham a finalidade de acalmar a situação, de tentar dialogar com o familiar mantendo a calma. Nesse período se permitiam envolver nas atitudes deles, mexer em seus objetos pessoais, vasculhar suas gavetas e mochilas, achando que esses comportamentos os impediriam de usar drogas.

Há casos em que as pessoas preferem não perceber que as drogas estão presentes no contexto familiar. Essa negação os permite não olhar para si mesmos e perceber o sofrimento que isso provoca.

Percebe-se assim a necessidade de trabalhar com psicoeducação em grupos, possibilitando novos conhecimentos sobre as suas demandas o que ajuda diretamente no vínculo entre terapeuta e pacientes. Ao facilitar o entendimento de seus problemas, doenças, ao esclarecer dúvidas e mostrar que os pacientes são ativos na terapia tem-se maior sucesso no trabalho desenvolvido. De acordo com Figlie *et al.*, (2010) a sua ampla utilização tem como base o consenso de vários especialistas, que a consideram uma intervenção valiosa, que pode ser aplicada no tratamento de diferentes substâncias químicas. Ao se proporcionar o conhecimento sobre o que está ocorrendo rompe-se as barreiras e as intervenções serão mais efetivas.

Outras entrevistadas relataram a questão da manipulação como característica do dependente de substâncias psicoativas. O ato de manipular é um sintoma da doença (ZANELATO, 2004). A maioria das pessoas que desenvolvem a dependência de substâncias se tornam manipuladores, sendo que isso não tem relação com a índole do sujeito. O que ele fala por vezes renova a esperança da família de que a situação vai

melhorar ou gera medo, pena e culpa, impedindo a família de tomar providências mais concretas. Esses fatores e sentimentos diversos provoca o agravamento do problema diante de condutas codependentes que os familiares exercem (BORTOLON, 2010).

A família deve entender como essa doença se manifesta dentro das relações familiares. Assim, ao se buscar responder sobre o papel da família no tratamento usuário de substâncias psicoativas as respostas são unânimes em citar que a família precisa de acompanhamento sistemático (SAKYIAMA, 2016; BORTOLON, 2016).

Através deste trabalho se pode perceber que cada um dos sujeitos envolvidos é diferente entre si; cada uma das mulheres apresenta tipos de subjetividades diferentes; cada mãe representa uma configuração familiar e relacional única. O esclarecimento sobre as crenças a respeito da dependência química contribui para o entendimento desta como doença, o que colabora para os pacientes se sentirem compreendidos, e mais aptos a mudarem a reverem suas próprias representações sociais sobre esse fenômeno (SILVA, 2007).

As observações nos grupos e as entrevistas permitiram acompanhar o processo de transformação das representações sociais do uso de drogas pelo familiar e notar que a dimensão afetiva é fundamental. Todo o sofrimento que os familiares passam está vinculado aos preconceitos, aos mitos, as crenças, as informações distorcidas que frequentemente não correspondem à realidade. O trabalho de acolhimento sistemático as famílias se constituem em uma prática que deve ser cada vez mais ampliada e praticada pelos profissionais que com essa população interage. É essa relação de suporte que se dá entre a família e o dependente de substâncias psicoativas que vai contribuir para uma reestruturação das representações existentes bem como para a superação do problema (BORTOLON, 2016).

As limitações deste estudo se deram na medida em que a amostra foi de conveniência, assim o número de mulheres foi pré-determinado visando o tempo que se tinha para realizar todo o processo de pesquisa e análise dos dados.

Por outro lado, os resultados encontrados sinalizam que os objetivos iniciais propostos pela pesquisa foram alcançados, no sentido de que foi centrado na totalidade dos seus discursos. Estes mostram que ocorre um processo de reconstrução das representações sociais na medida em que as mulheres conseguem perceber seu familiar enquanto sujeitos envolvidos com substâncias psicoativas e suas consequências, como usuário de drogas e como membro da família. E, na medida em que conseguem perceber que o uso de drogas é uma doença, saem do foco da substância química, percebendo o real significado da drogadição do familiar.

4 | CONCLUSÕES

A realização deste estudo mostrou-se importante na medida em que apresentou alguns dados que demonstraram que, com o trabalho desenvolvido nos grupos, ocorreu uma reestruturação nas representações sociais das mulheres em relação ao

uso de substâncias psicoativas de seus familiares (CALOSSO, 2013).

O profissional que atua diretamente nos grupos de mútuo ajuda para os familiares, precisa focar suas ações na área cognitiva da dependência química, abrindo o leque de conhecimentos para que haja uma maior compreensão deste fenômeno social pelos familiares. Ao se realizar a escuta nestes momentos, podem-se captar quais os sentimentos e as condutas adotadas pelo familiar nos momentos de crise e auxiliá-lo no caminho a seguir (SILVA, 2007).

As mulheres que frequentam a instituição demonstraram através de suas falas, o sofrimento e as dificuldades em conduzir os conflitos oriundos do uso de substâncias psicoativas, no núcleo familiar. A dependência química não pode ser vista dissociada. A família deve ser valorizada em seus sentimentos e, normalmente estas estão distantes emocionalmente e inconsistentes enquanto grupo e sistema familiar. As famílias têm um papel importante na recuperação dos dependentes de substâncias psicoativas, pois constroem um jeito de viver e cuidar do seu familiar que as tornam resistentes às adversidades cotidianas, potencializando esses cuidados (FIGUEIRÓ, 2010).

A representação da droga em si emerge em um campo afetivo de sofrimento, de culpa, tristeza e medo. É nesse campo que a psicologia deve se fazer presente, ressaltando a importância da acolhida, da intervenção profissional para as mulheres, principalmente àquelas que buscam ajuda, pois as mesmas estão fragilizadas subjetivamente e necessitam deste espaço de escuta.

O tempo e a representação de mulheres selecionadas para esta pesquisa se configuram numa amostra mínima, mas de uma riqueza inquestionável, por oportunizar a elas verbalizarem suas inquietações e dúvidas, seus sentimentos em relação ao que estão passando neste momento de suas vidas.

A pesquisa poderá direcionar as intervenções realizadas em instituições que trabalham com dependentes de substâncias psicoativas, auxiliando nas ações de psicoeducação em relação à dependência química, promovendo mudanças nas relações familiares dos envolvidos, bem como atuar na prevenção do consumo de drogas em outros espaços sociais.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM-V**. [tradução: Miguel R. Jorge. Porto Alegre, RS: Artmed Editora. 2002.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 2011. Lisboa. Ed. Edições 70.

BERLATTO, Odir (Org.). **Manual para elaboração e normatização de trabalhos acadêmicos do curso de ciências contábeis**. Caxias do Sul: FSG. 2012. Disponível em: <http://www.fsg.br/website_pt/user_files/File/Documentos/COT/ManualContabeis20101.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2013.

BORTOLON, C.B.; *et al.* **Avaliação das crenças codependentes e dos estágios de mudança em familiares de usuários de drogas em um serviço de teleatendimento**. Revista da AMRIGS, Porto Alegre, v.54, n.4, p. 432-436. 2010.

BORTOLON, C.; MACHADO, C. A.; FERIGOLO, M.; BARROS, H. M. T. **Abordagem motivacional para familiar de usuário de drogas por telefone: um estudo de caso.** Contextos Clínicos, Porto Alegre, v. 6, n.2, p. 157-163. 2013.

BORTOLON, C.B., *et al.* (2016a). **Family functioning and health issues associated with codependency in families of drug users.** Ciência e Saúde coletiva. 21(1), 35-41. Disponível em: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/artigo_int.php?id_artigo=15155>. DOI: 10.1590/1413-81232015211.20662014.

BORTOLON, C.B. *et al.* (2016b). **Six-month outcomes of a randomized motivational tele-intervention for changing codependent behavior of a family members of drug users.** Substance Use & Misuse. DOI:10.1080/10826084.2016.1223134. Published online: 18 out. 2016.

CALIL, V. L. L. **Terapia familiar e de casal.** São Paulo, SP: Summus, 1987.

DEAR, G. E.; ROBERTS, C. M. **Validation of the holyoake codependency index.** The Journal of Psychology, 139(4), 293-313. 2005.

FIGUEIRÓ, Q. S. **As dimensões socioculturais da família acerca da dependência química: uma revisão bibliográfica.** UNIPAMPA (Universidade Federal do Pampa). Trabalho de Conclusão de curso. (Graduação em Enfermagem). Universidade Federal do Pampa. 2010.

FOLBERG M. N. **Declínio da função paterna e dialética a simbolização.** 2002. V. 7, n. 13, p. 92-99. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v7n13/07.pdf>>. Acesso: 30 set. 2016.

GUARESCHI, P. **Representações Sociais: alguns comentários oportunos.** Revista Coletânea da Anpepp. N. 10, vol. 1. 1996.

LARANJEIRA, R. **Princípios para o Tratamento Efetivo da Dependência Química.** NIDA (National Institute on Drug Abuse). Disponível em: <<http://mais24hrs.blogspot.com.br/2013/02/13-principios-para-o-tratamento-efetivo>>. Acesso em: 09 abr. 2016.

MEDEIROS, K.T. *et al.* **Representações sociais do uso e abuso de drogas entre familiares de usuários.** UFP, João Pessoa. In: Psicologia em Estudo, Maringá, v. 18, nº2, p. 269-279. 2013.

MENEZES, M. S. C. de. **O Que é Amor-Exigente.** São Paulo: Edições Loyola. 2009.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** (12ª ed). São Paulo: HUCITEC Editora. 2012.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP. **Resolução nº510/16: sobre pesquisa envolvendo seres humanos.** Brasília, DF. 1996.

MINUCHIN, S. **Famílias: funcionamento e tratamento.** Porto Alegre: Artmed. 1982.

MOREIRA, T. C. *et al.* **Qualidade de vida e codependência em familiares de usuários de drogas.** Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais – Brasil. 2015.

MOTA, L. **Dependência química e representações sociais: Pecado, crime ou doença?** Curitiba: Juruá Editora. 2009.

SADOCK, Benjamin J.; SADOCK, Virginia A. Transtornos relacionados ao uso de substâncias. In: SADOCK, Benjamin J.; SADOCK, Virginia A. **Compêndio de psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica.** Tradução de Claudia Dorneles. Porto Alegre: Artmed. 1996.

SAKIYAMA, H.M.T. *et al.* **Family members affected by a relative's substance misuse looking for**

social support: *Who are they? Drug and alcohol Dependence*. 147, 276-279. Disponível em: <<http://www.elsevier.com/locate/drugalcdep>>. DOI10.1016/j.drugacdep.2014.11030. 2015.

SEADI, S.; OLIVEIRA, M. **A terapia multifamiliar no tratamento da dependência química: um estudo retrospectivo de seis anos.** *Psicologia Clínica*. Rio de Janeiro, v.21, n.02. 2009. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652009000200008>. Acesso em: 12 jul. 2016.

SILVA, P. de L. **As representações sociais do uso de drogas entre familiares de usuários em tratamento.** Universidade da Bahia: Salvador. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade da Bahia. 2007.

YANDOLI D.; *et al.* **A comparative study of family therapy in the treatment of opiate users in a London clinic.** 24(4), 402-404. *Journal of family therapy*. 2002. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467-6427.00227/full>>. DOI: 10.1111/1467-6427.00227.

ZANELATTO, N. A.; REZENDE L. M. **Co-Dependência: o papel da intervenção terapêutica como alívio do corpo que sofre.** UMESP – Universidade Metodista de São Paulo. 2004. Disponível em: <http://www.uniad.org.br/v2/master/imgAlbum/%7B6D713B71-067D-4EE3-96E5-F003D90F4171%7D_co-dependencia%20interv-alivio%20do%20corpo%20que%20sofre.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2016.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-391-0

